

ENSAIO: A DIMENSÃO DA GRAÇA EM ONTOPSICOLOGIA

Luciana Laudares Costa¹

Resumo: Do breve estudo da etimologia e da semântica do vocábulo “graça” surgiu o tema do presente trabalho. Pretende abrir a dimensão da palavra “graça” para aqueles que pretendem adentrar na ciência ontopsicológica, partindo da origem da palavra e de como ela é entendida em outras ciências ou aplicações, até a novidade de sentido que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti dela eduza. A ciência ontopsicológica foi formalizada em 1971 e vem sendo estudada desde então. Sendo uma ciência recente, apresenta novidades e nestas estão inseridas precisas semânticas e aplicação de vocábulos, confirmando a ciência em seu caráter epistemológico. Para seus estudiosos é importante começar a entender o valor das palavras, bem como a exatidão do seu uso e colocação.

Palavras-chave: graça; ciência ontopsicológica.

Essay: the dimension of grace in Ontopsychology

Abstract: From the brief study of the etymology and semantics of the word “grace” the theme of the present work emerged. It intends to open the dimension of the word “grace” to those who intend to enter into ontopsychological science, starting from the origin of the word and how it is understood in other sciences or applications, to the new meaning that Academic Professor Antonio Meneghetti educes from it. Ontopsychological science was formalized in 1971 and has been studied ever since. Being a recent science, it presents new features and these include precise semantics and application of words, confirming science in its epistemological character. For scholars, it is important to begin to understand the value of words, as well as the accuracy of their use and placement.

Keywords: grace; ontopsychological science.

Ensayo: la dimensión de la gracia en Ontopsicología

Resumen: Del breve estudio de la etimología y semántica de la palabra “gracia” surgió el tema del presente trabajo. Se pretende abrir la dimensión de la palabra “gracia” a quienes pretendan profundizar en la ciencia ontopsicológica, partiendo del origen de la palabra y cómo se entiende en otras ciencias o aplicaciones, hasta el nuevo significado que obtiene el profesor académico Antonio Meneghetti. La ciencia ontopsicológica se formalizó en 1971 y se ha estudiado desde entonces. Al ser una ciencia reciente, presenta novedades que incluyen una semántica precisa y aplicación de palabras, confirmando a la ciencia en su carácter epistemológico. Para los académicos, es importante comenzar a comprender el valor de las palabras, así como la precisión de su uso y ubicación.

Palabras clave: gracia; ciencia ontopsicológica.

¹ Graduada em Administração (UNIFENAS), Graduada em Ciências Contábeis (UNISUL), Graduanda em Ontopsicologia (AMF). E-mail: lu.cont.adm@gmail.com.

1 Introdução

Do breve estudo da etimologia e da semântica do vocábulo “graça”, proposto na disciplina de Fundamentos Filológicos e Linguísticos - Latim do Bacharelado em Ontopsicologia, surgiu o tema do presente trabalho.

O objetivo principal é começar a abrir a dimensão da palavra “graça” para aqueles que pretendem adentrar na ciência ontopsicológica, partindo da origem da palavra e de como ela é entendida em outras ciências ou aplicações, até a novidade de sentido que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti dela eduz.

A ciência Ontopsicológica foi formalizada em 1971 e vem sendo estudada desde então. Sendo uma ciência recente, apresenta novidades e nestas estão inseridas precisas semânticas e aplicação de vocábulos, confirmando a ciência em seu caráter epistemológico. Para seus estudiosos é importante começar a entender o valor das palavras, bem como a exatidão do seu uso e colocação.

A graça, na ciência ontopsicológica, abre uma dimensão epistemológica e prática e o Professor Meneghetti escreveu um livro onde analisa a correlação do termo com o comportamento humano. Mesmo que neste presente ensaio caiba apenas um aceno para aquilo que o cientista sublinhou ou destacou, buscará fazer intuir a distinção da ciência, do uso da linguagem e dessa profunda ordem e beleza, denominada graça, que está em função do ser humano.

2 Análise etimológica e semântica

A etimologia trata da origem ortográfica das palavras e a semântica trata da significância de-

las, com suas mudanças ao longo do tempo e em contextos históricos. *Graça* é uma palavra de origem latina, proveniente do verbete *gratis*.

Em dicionário da língua portuguesa tem-se que graça é um substantivo feminino que significa: “favor dispensado ou recebido; mercê; benefício. Ato de clemência do poder público, que favorece um condenado... Beleza e elegância. Dito ou ato espirituoso, gracejo... O nome de batismo. Favor ou mercê concedida a alguém por Deus” (Ferreira, 1993, p. 276).

No dicionário de Ontopsicologia encontramos o verbete graça como:

Estado geral que constitui o sujeito em bem-estar e experiência de segurança e vantagem. Participação a uma novidade de ser, quase não parecendo própria da natureza do sujeito. Capacidade de gerir a existência com função metafísica; isso é possível quando se atua em pleno a virtualidade histórica do próprio em Si ôntico. Função a pleno regime do sujeito com efeitos superiores (Meneghetti, 2012, p. 122).

Em *Vademecum in opus Saxonis et alia opera Danica compendium ex indice verborum* (1996) encontramos junto ao verbete *gratia* palavras como: favor, bondade, beleza, “gratuitamente” e a expressão “o livre arbítrio se torna voluntário”.

No dicionário Latim Essencial (Rezende, 2014, p. 160) o vocábulo *gratia* tem as conotações: reconhecimento, agradecimento, amabilidade, favor, simpatia, harmonia, perdão, razão, entre outras.

Os significados constantes em todos são: favor e perdão ou mercê ou gratuidade. A graça como concessão de um superior ao outro (inferior), sem responsabilidade do segundo e sem motivos por parte do primeiro.

3 A graça como elemento humano

Considerado alguns significados da palavra e visto que toda palavra serve para representar um pensamento, importante analisar um pouco das aplicações do vocábulo graça.

No sec. XVIII, conforme Abbagnano (2007), a graça foi concebida como “espécie particular de beleza: a beleza em movimento”.

Edmund Burke dizia: “A G. é uma ideia não muito diferente da beleza, constituída pelos mesmos elementos. A G. é uma ideia relativa à postura e ao movimento: para serem graciosos, não devem dar a impressão de dificuldade; bastam a leve flexão do corpo e a harmonia das partes, de tal maneira que não se estorvem reciprocamente e que não se mostrem separadas por ângulos bruscos e distintos. Nesta facilidade, harmonia e delicadeza de postura e de movimento consiste todo o encanto da G., o seu ‘não-sei-quê’.” (*A Philosophical Inquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful*, 1756, II, 22) (Abbagnano, 2007, p. 488).

Giuseppe Spalletti, no seu “Ensaio sobre a beleza” (1975), acrescenta à concepção de Burke o conceito de expressividade, indicando que a graça da postura e do movimento deve ser reflexo concomitante dos afetos da alma.

Esta abordagem da palavra faz lembrar a canção Garota de Ipanema de Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes (1962): “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela, menina, que vem e que passa, num doce balanço a caminho do mar”. Ou seja, a graça como postura, movimento e expressão da alma.

Em teologia, a graça é o dom da salvação que Deus dá ao homem, independente de merecimento. Conforme Agostinho (2011), um homem só pode ser salvo pela graça de Deus. Abbagnano (2017) cita a solução de S. Tomas:

A preparação do homem para a G. tem Deus como móbil, o livre-arbítrio como movimento. Ela pode ser considerada sob dois aspectos: no primeiro, depende do livre-arbítrio e não implica a necessidade de obter a G. porque o dom da G. excede qualquer preparação da virtude humana; no segundo aspecto, tem Deus como móbil e implica a necessidade de obter a G. que é determinada por Deus, embora não se trate de uma necessidade proveniente de coação, mas da infalibilidade, porquanto a intenção de Deus não pode deixar de ter efeito (S. Th., III, q. 112, a 3).

No campo da Psicologia, a graça é tratada em dois momentos particulares. O primeiro é quando Carl Gustav Jung discorre sobre o comportamento dos orientais e dos ocidentais em relação à religião. Para Jung (1991), a relação do ocidental com a religião é extrovertida porque “o Ocidente cristão considera o homem inteiramente dependente da graça de Deus ou da Igreja”. Neste ínterim, a pesquisa em campo psicológico analisa a graça em sua concepção no âmbito religioso.

O segundo momento aparece no período do Brasil colonial, onde os pregadores, como Pe. Vieira, consideravam que o conhecimento de si mesmo era instrumento à conversão religiosa e ao comportamento virtuoso. Este conhecimento era psicológico, mas sua ordem era espiritual e, se dava através dos sermões (a própria subjetividade diante de uma alteridade). “O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento” (Vieira, 1655). Neste caso, com finalidade religiosa se fazia da graça um instrumento de aplicação psicológica.

Conforme Cegalla (1996) “certas palavras [...] são capazes de sugerir muito mais do que o

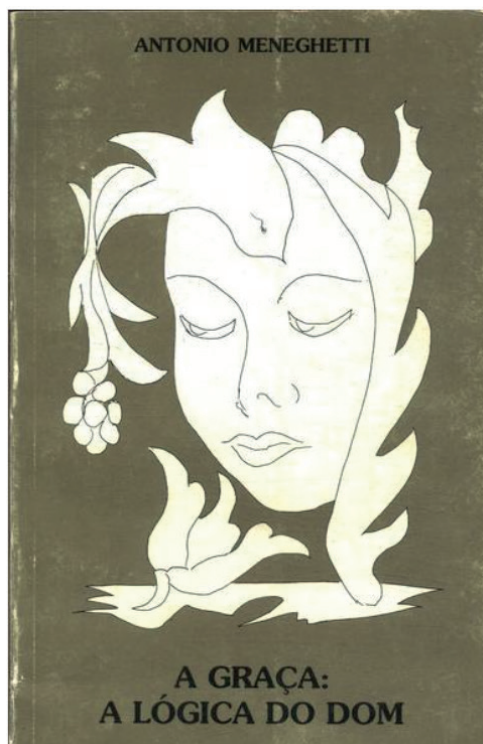
objeto designado, desencadeando, conforme a situação, ideias, sentimentos e emoções de toda ordem”. No estudo da Ontopsicologia existem palavras da qual o entendimento mais profundo, metafísico e exato é condição *sine qua non* para a compreensão da ciência, incluindo sua aplicação:

[...] o vocabulário ontopsicológico se define, substancialmente, a partir da visão experimental dos processos e princípios individuados: são projeções diretas das posições da ação individuada como órgão, como sentido, como pessoa no mundo (Meneghetti, 2012, p. 10).

As palavras, em Ontopsicologia, devem traduzir o real, ou seja, especificar um modo de ação na existência. Sem esta correlação é impossível fazer vera ciência.

4 A dimensão da graça em Ontopsicologia

Figura 1 – Capa do livro principal – obra do Professor Antonio Meneghetti



O Professor Meneghetti não considera o significado corrente de alguns vocábulos como suficientes para expressar a intencionalidade de natureza. O uso das palavras e imagens não coincidem com as interações sociobiológicas da existência, portanto não funcionam para o estudo da ciência psicológica. Quando se estuda a psique e sua atividade, não se pode basear-se nos fenômenos, mas no que os intenciona. Quando se estuda a existência e os processos da realidade humana é preciso adequar palavra e intenção. A intencionalidade é vetor, é direção de sentido da ação. A psicologia não pode estudar a ação desconsiderando seu escopo. Por isto, alguns vocábulos tornaram-se inadequados para a aplicação da ciência Ontopsicológica. O método utilizado por mim para interpretar os [...] vocábulos é um contínuo parafrasear a ação e, todos os seus modos e relações. A constante é sempre a ação [...] (Meneghetti, 2012, p. 17).

Para ajudar na compreensão pode-se retornar à teoria de Heráclito (540-480 a.C.). Primeiramente ao conceito de “*panta rei*”: tudo escorre. Tudo é e está em constante movimento, ou seja, em ação. Segundo, ao conceito de “logos”:

Com o termo λόγος Heráclito entende tanto a lei geral do cosmo, quanto a razão humana e a palavra, mas a palavra que dá expressão à νοῦς (nûs) = intelecto, isto é, anuncia a verdade: o verdadeiro logos é a linguagem que exprime o significado mais profundo das coisas (Carotenuto, 2009, p. 15).

Para Heráclito a linguagem é instrumento, ou melhor, está em função da busca e do alcance da verdade, juntamente com o intelecto. Se está em função, implica ação.

A Ontopsicologia tem por objeto a análise da atividade psíquica. É a ciência que estuda os

comportamentos psíquicos enquanto ainda é intenção, antes do fenômeno e analisa o homem em sua existência e história.

Sendo a psicologia “a ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento” (Ferreira, 1993. p. 449) ou “pesquisa sobre a atividade psíquica nos seus processos e fenomenologias diversas” (Meneghetti, 2012, p. 216), entramos no campo das ações (comportamentos) intencionadas (processos psíquicos).

Observando as frases “A graça é a função a pleno regime do sujeito” (Meneghetti, 1996, p. 26) e “A graça não é um estado habitual e pode manifestar-se de muitas maneiras: a graça que estimula, a graça que chama, a graça que torna capaz” (Meneghetti, 1996, p. 42), verifica-se que sempre está presente a “ação” – função, manifestação, estimular, chamar, tornar capaz. Isto demonstra a interpretação diferenciada dos vocábulos pela ciência ontopsicológica.

A graça é um tema muito importante, instigante e completo, porque parece simplificar, resumir, reunir todas as premissas da visão da Ontopsicologia: “o homem verdadeiro com resultados progressivos” (Meneghetti, 2010, p. 19). Em outras palavras: os impulsos do Em Si (dom), o conhecimento técnico / racionalidade (lógica do dom) para diferir os desvios do monitor de deflexão (mdd) e as informações semânticas alheias com escopo do agir coerente, do resultado em ganho positivo e do merecer mais.

... quando estás com a boca nos mamilos das tetas túrgidas da vaca, de algum modo, proveja o feno à boca da vaca – representa o momento em que se está em estado de graça, em que se vive gratuitamente o bem da vida. Naquele momento de graça, o sujeito não deve fazer o papel do consumista, descansando em férias

... é necessário realizar ações técnicas e providenciais ... começar a posicionar a base de um projeto prático: enquanto se mama, deve-se construir (Meneghetti, 2003, p. 257).

Em estado de graça a participação do homem é primordial. É como um encontro entre a subjetividade e a objetividade. Existe um chamado metafísico, que apela a um realizado histórico e assim, pode escorrer sucessivamente.

5 Considerações Finais

Evidentemente o breve trabalho não pode exaurir o estudo e o entendimento nem do verbete nem de sua dimensão dentro da ciência ontopsicológica, mas contribui para abrir o entendimento sobre a novidade de saber que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti propõe, bem como da polissemia da palavra em estudo: graça.

Em sua origem e etimologia geral, justifica-se a aplicação teológica cristã, que a utiliza como doutrina. Fato que a psicologia como estuda da psique, até onde se pode verificar, não colocou em discussão. Um estudo em psicologia tratou de verificar o comportamento do homem no contexto religioso. Numa aplicação da religião, onde os jesuítas precisavam catequizar os índios brasileiros, usaram a psicologia comportamental como instrumento e usaram o argumento da graça divina.

Parece que, nessa seara, a graça tem conotação de verbo transitivo. O homem ganha, recebe um favor, uma gratuidade, e a ação termina em si, objetificando-o. A graça como presente de Deus que salva o homem da morte, lá onde há o fim das possibilidades, finaliza o já acabado ou alivia o que já nem possui mais fardo.

Em sentido filosófico, a graça perdeu seu significado ou caiu em desuso, ainda que se possa encontrar o verbete, no sentido de beleza ou de beleza em movimento harmonioso, em material lírico, destinado à contemplação. Seu desuso talvez se dê pela excessiva subjetividade ou pela objetivação mercadológica do conceito de beleza. A graça, neste sentido, continua a existir, mas não é possível ser reconhecida e valorizada por todos.

Quando se pensa em graça no sentido de gratuidade, está-se mais próximo do conceito de inércia. Mas, retomando o conceito de *panta rei*, tudo escorre, tudo flui, então, pode-se intuir a necessidade de ser responsável em realizar, construir a própria existência.

De modo simples, concluímos que, no viver, existem muitos destinos e fins, no entanto, no caminhar pela própria estrada, indo sempre na direção que estimula e chama, encontra-se a cada vez mais possibilidades de ações, portanto há mais vida e, conforme a Ontopsicologia, há a possibilidade da graça, se para esta, tem-se a lógica.

Quando a graça intui, impulsiona, é preciso fazer destes verbos intransitivos, onde se é o existente que projeta. A ação começa em si e termina num acrescente existencial ao próprio projeto. O homem se aperfeiçoa.

Fica em aberto ainda o entender, o buscar aprender esta lógica da graça, que tem seu ponto e acontece sempre para aqueles que estão no comando do próprio existir.

Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2011.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 39. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1996.

CAROTENUTO, Margherita. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. Recanto Maestro – São João do Polêsine: Ontopsicologia Editrice, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia da Religião Ocidental e Oriental**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

MENEGHETTI, Antonio. **A Graça: a lógica do dom**. Recanto Maestro – Porto Alegre: Psicológica Editrice do Brasil, 1996.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro - Restinga Sêca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5. ed. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro – São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do Latim Essencial**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

USP - Universidade de São Paulo. **Vademecum in opus Saxonis et alia opera Danica compendium ex indice verborum**. 1996. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/dic/latim.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

VIEIRA, Padre Antonio. **Sermão da**

Sexagésima. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/ANTONIO_VIEIRA/SERMAO1/SERMAO1_TEXTO.HTML. Acesso em: 25 nov. 2020.

WIKIPEDIA. **Garota de Ipanema**. a. Sem data. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Garota_de_Ipanema. Acesso em: 25 nov. 2020.